

Onde Estão os Ossos de Anchieta?

HENRIQUE GONZALEZ

Morreu José de Anchieta no dia 09 de junho de 1597, domingo, em Reritiba, Espírito Santo, depois de demorada convalescência, que nunca terminava, acompanhada de prognósticos sombrios dos próprios companheiros. A cada momento esperavam o fatal desenlace. O enfermo, crônico, nas últimas, não se dava por vencido. Dizia que ainda não era chegada sua verdadeira hora. Quando recebeu ordens do sul de mudar-se para Vila Velha do Espírito Santo não teve dúvida. Contra a expectativa unânime de todos, que temiam que morresse pelo caminho, emproou a corcunda, magro, de estatura baixa, velho, olhos suaves, azulados, pediu que buscassem mancebos para levá-lo na rêde, andarilho acostumado a andar descalço pelos caminhos, e ir por diante dos índios que o seguiam.

Deixava para trás seu Reino Encantado, índios, irmãos, colégio, Igreja, malocas, oficina, alojamento. Eis o seu Paraíso terreno. Ali morava Deus, a bondade, o respeito por tudo que falava do Criador: a oração, o riso perene do índio, o enfermo, a contemplação mística, os versos que lhe brotavam de chofre...

Em breve alcançaram Guarapari. Um dos padres que o acompanhava tinha de regressar. Seguiu-o com cuidado. Também doente. Estava seguro que ia dar-lhe o derradeiro adeus, por isso murmurou entre lágrimas:

— Bom José! Não nos veremos mais!

O apóstolo percebeu o conflito que se tramava naquela alma boa do Irmão, e num gesto supremo de esforço, como se estivesse ressuscitando, respondeu-lhe:

— Fique sossegado, meu Padre! Ainda nos haveremos de ver neste mesmo local — Apenas não darei palavra.

Um outro padre, antes, em Reritiba, vendo-o em lastimável estado, disse-lhe:

— Padre José! Não mais sereis nosso Superior.

Anchieta, pronto redarguiu:

— Antes de morrer ainda serei Superior!

Logo que chegou à Vila Velha melhorou bastante, e nesse meio tempo, entre a vida e a morte, porque depois piorou, recebeu ordem da Bahia para que assumisse a função de Superior enquanto

não chegava titular nomeado. Passando alguns meses em Vitória regressou a Reritiba para cumprir sua última missão. Por força das circunstâncias tomou o caminho de sempre.

Morreu em Reritiba, cercado pelos companheiros e índios que se desesperavam com a perda do seu guia.

Saiu de novo de Reritiba para Vitória do Espírito Santo, e ao passar em Guarapari encontrou o padre a quem predissera o vaticínio. E como não enganava, não mentia, mudo chegou e mudo ficou. Abrindo seu caixão mortuário o outro padre ainda pôde contemplá-lo.

Faltava cumprir-se mais uma profecia, feita há muitos anos, quando seu condiscípulo e companheiro de viagem para o Brasil, também manifestou tristeza pela separação:

— Não nos veremos mais, José!

— Pois ainda havemos de estar juntos algum tempo — disse-lhe Anchieta.

Quando morreu foi enterrado na Igreja de S. Tiago, em Vitória do Espírito Santo. No nicho junto estava sepultado seu amigo Gregório Serrão, o mesmo da Bahia.

* * *

Em 1609 veio uma ordem do General Claudio Acquaviva para que se trasladasse a outro local os restos mortais de Anchieta. Dois anos depois fazia-se cumprir o **Breve do Papa Urbano VIII**, intitulado **Non Cultua**, ordenando que se transportasse à Bahia uma parte dos ossos, e ali começou a distribuição discriminada dos mesmos, cabendo ao Provincial Fernão Cardim, um osso. E pela declaração de Simão de Vasconcelos — **um osso lhe coube** — confirma-se nosso argumento: **distribuição discriminativa**.

No ano de 1609 — no mês de julho — diz Simão de Vasconcelos — sendo visitador desta Província o Padre Francisco de Lima, e Provincial o Padre Fernão Cardim, por ordem do nosso reverendo Padre Claudio Acquaviva, de noite, a portas fechadas, se descerrou do sepulcro em que estava, havia doze anos, o corpo do Venerável José de Anchieta, e se trasladou, em parte, para o Colégio da Bahia.

Não foi propriamente para o Colégio, mas para a chamada **Igreja Velha**, a Sé primacial do Brasil, iniciada por Pero Fernandes Sardinha, do tempo do 1.º Governador Tomé de Souza. Nela havia sido inhumado também o célebre padre Aspilcueta Navarro, o primeiro sertanista partido da Bahia. A derrubada desse memorável templo, marco inesquecível da colonização portuguesa, foi um dos maiores crimes cometidos em nossos dias, sob pretexto de necessidade urbana. A Sé, a tão conhenhecida Sé, de que nos fala Gre-

gório de Matos, ficava localizada no atual Belvedere, na Rua da Misericórdia, antes de chegar ao Palácio dos Arcebispos. Caramurú também fora inhumado na Sé.

No tempo da trasladação, por meio de alguns ossos que então se repartiram a pessoas seculares e religiosas, que os pediam, — e fama pública que obrou o Senhor muitos milagres, especialmente em enfermos de dores. O padre Fernão Cardim, que ali se achou, especialmente depõe seu juramento, que, com água benta de um osso que lhe coube, fizera Deus maravilhas, em diversos necessitados que com fé pediram.

Hoje, passados tanto anos, para saber-se onde estão os ossos de Anchieta precisamos ter as mãos um documento de qualquer data, daquele tempo, com qualquer número de ossos, autenticado; que mereça fé, para **identificar o ponto de partida**, porque a dispersão não permite remontar ao começo.

Esse **ponto ideal** fomos encontrá-lo no jornal "Folha de São Paulo", em publicação recente, tratando do **affaire** ossos de Anchieta.

Um escritor e ex-deputado paulista foi a Portugal para ver se conseguia trazer os ossos do canarino para o Brasil, diante da publicação da reportagem no "Diário de Notícias", de Lisboa, em 1965, com achamento de quatro ossos de Anchieta.

O documento em apreço, que vamos apresentar resumido, destacando suas datas, focalizando seus pontos sensíveis é o que existe de mais completo em matéria de notícia sobre os ossos de Anchieta nos séculos XVII e XVIII.

Em 1609, como tivemos ocasião de citar, os ossos foram retirados de certo lugar na Igreja de São Tiago, em Vitória, e colocados noutro local, longe dos olhos do público, e até dos próprios padres.

Em 1611, cumprindo-se o disposto do **Breve** intitulado NON CULTU, parte dos ossos seguiu para a Bahia.

Em 1672, o Irmão Manoel Ribeiro, sacristão da Igreja do Colégio, pouco depois de haver transportado uma imagem de S. Pedro da **Igreja Velha**, para a **Igreja Nova**, foi chamado à **Igreja Velha**, e diante do Provincial Padre Francisco de Avelar e do Padre Vice-Reitor Jacinto de Carvalhaes, e mais padres consultores **"se desterrou junto do altar mor à parte do Evangelho um caxote em que estavam dez ossos, os quais ditos padres me mandaram guardar dizendo que eram do Veneravel Padre José de Anchieta. O Irmão Manoel Ribeiro limpou-os com todo cuidado, com água gomada, guardou-os numa caixinha e colocou-os num caixão grande onde existiam outras coisas"**.

Em 1677, cinco anos depois, por ter o sacristão de ir a Portugal, fez entrega dos ditos ossos ao seu substituto, o Irmão Salvador Pereira.

Em outubro de 1694, regressando de Portugal o Irmão Manoel Ribeiro, depois de dezessete anos de ausência, recebe das mãos do substituto, tudo direitinho como entregara.

Em 1708 o Irmão Manoel Ribeiro, entrega sua caixinha com os dez ossos ao Provincial João Pereira. Este, dá um osso ao Padre Antonio Bonucci, que ia para Roma.

Ficaram, portanto, nove ossos.

Finalmente o sacristão termina seu documento com a chave de ouro:

O que tudo juro ser verdade e por sã me pedir esta, a dai, por mim feita e assinada. Padre Manoel Ribeiro.

Segue-se um adendo:

Digo mais, que deante do Provincial João Antonio Andreoni e do Padre Reitor Estanislau de Campos, e de outros padres, abrindo-se o cofre dos ditos ossos os reconheci (como) os mesmos que se tinha entregado, (isso) pelo benefício que eu lhes tinha feito com água gomada. Manoel Ribeiro.

Aqui surge-nos a figura de Antonil — Provincial da Bahia, reconhecendo os ossos de Anchieta, no documento do Irmão Manoel Ribeiro. Este detalhe favorece o restabelecimento da verdade, por que conhecemos, historicamente, tanto João Antonio Andreoni como Estanislau de Campos. O primeiro é autor da **Cultura e Opulência do Brasil por suas drogas**. O seu grande amor por Anchieta fê-lo escrever em seu livro:

Deve tanto o Brasil ao Venerável José de Anchieta, um dos primeiros e mais fervorosos missionários desta América Meridional, que a boca cheia o chama de seu Apóstolo, novo Thaumaturgo, pela luz evangélica que comunicou a tantos milhares de índios, e pelos inúmeros milagres, que obrou em sua vida, e obra para benefícios de todos.

Já nos não importa saber quantos ossos foram distribuídos. Os que ficaram já sabemos:

Nove na Bahia

— transportados da Igreja Velha (a Sé) conforme documento do Sacristão Manoel Ribeiro, em 1708.

Um no Espírito Santo

— Referência encontrada por Joaquim Ribeiro, no Arquivo Nacional, na Correspondência dos Governadores do Espírito Santo. Trata-se de uma descrição de alfaías da Igreja e no

fim diz: **um caixotinho de prata lavrada, tem dentro uma canela do Venerável Anchieta (uma Tíbia).**

Um Femur em Roma

— Enviada em 1611 em consequência do Breve — NON CULTU, talvez como lembrança.

Voltou para São Paulo com a chancela de autenticação do Vaticano. Esse particular torna mais difícil explicar a desproporção entre o tipo de homem Anchieta, relatado pelos cronistas, e a peça de proporções desmesurada.

Soma ao todo doze ossos, aos quais se deve juntar o número dos distribuídos a cada Colégio, cada aldeamento, e a cada pessoa que solicitava.

A partir dessa síntese, esclarecedora e verídica, só nos interessa os que ficaram na Bahia, devidamente documentados pelo Sacristão do Colégio, Manoel Ribeiro, em 1708.

Segundo o jornal "Folha de São Paulo", que não necessita adjetivos para destacá-lo no setor cultural, em 1965 o "Diário de Notícias" de Lisboa, publicou uma longa reportagem, de duas páginas, anunciando a descoberta de quatro ossos de Anchieta na Faculdade de Ciências, antigo Noviciado jesuítico, e mais, o importantíssimo documento que publicamos acima, resumido, do sacristão do Colégio dos Jesuítas na Bahia, Manoel Ribeiro.

Como a "Folha de São Paulo" dá-nos uma resumida reprodução da reportagem selecionamos trechos mais interessantes. O furo jornalístico do "Diário de Notícias" é datado de 3 de setembro de 1965:

... os ossos são quatro e apresentam-se em bom estado de conservação.

... os ossos em apreço são das canelas, braço e perna (Femur).

... pelas suas dimensões supõe-se que o Padre Anchieta seria um homem de 1,70 a 1,75...

Nessa fase do nosso trabalho, em que desprezamos nomes e circunstâncias, para não fugir à finalidade principal, diante não só da informação de que Anchieta era um homem muito mais alto, 1,70 a 1,75, como também do Femur enviado pelo Vaticano, tudo cotejado com os informes dos Cronistas da Companhia de Jesus, ao que se supõe, devidamente conhecedores do assunto, chegamos a

conclusão de que apenas a Ata do Padre Manoel Ribeiro é um documento legal.

A consciência da autenticidade nos é fornecida pela assinatura do Padre Provincial José Andreoni — Antonil — que referendou, junto com o Vice-Reitor do Colégio da Bahia, as informações do sacristão, como testemunhas de vista.

Antonil é demasiadamente conhecido pelo livro **Cultura e Opulência do Brasil por suas drogas**.

É difícil poder atribuir aos religiosos um engano. Pode-se, entretanto fazer uma conjectura. Na Bahia, na mesma Sé, existiam também os restos mortais de Aspilcueta Navarro, o primeiro sertanista partido da Bahia. Quem sabe se a abertura do nicho, na época, contada por Manoel Ribeiro, foi baseada em tradição oral? Sabe-se, porque o sacristão foi chamado à Igreja Velha — a Sé, onde também dormia o sono eterno Caramurú, e os padres lhe entregaram dez (10) ossos, dizendo que eram do Venerável Anchieta... Mas que provas apresentaram, que atas, que documentos?... E nisso o sacristão foi muito claro, parecendo-nos até com um tabelião, empregando todas as fórmulas legais de reconhecimento.

Baltazar Teles, cronista do tempo, escreve sobre Anchieta:

Era m homem de pequena estatura, e ainda parecia menor por causa das costas, que tinha desencaixadas e proeminentes para fora: era muito magro por suas penitências.

Difícilmente se poderá conciliar essa disparidade. Um osso enorme para uma criatura tão pequena no tamanho. Inda se pode admitir que — Baltazar Teles — viveu mais pela África; e por isso mesmo, teve menos informações de Anchieta.

Simão de Vasconcelos, embora não tenha sido contemporâneo, pois nasceu no ano de sua morte, 1597, veio mocinho de Portugal para a Bahia, com a família; e com 19 anos entrou para o Colégio dos Jesuítas.

Teve, desde cedo, e depois como Cronista, todo um vastíssimo arquivo a sua disposição, e também deveria ter encontrado padres, colonos, índios, que conheceram o canarino ainda moço. E como uma lembrança parte sempre da feição do homem, da sua estatura; dos seus modos, tudo isto é válido para acreditar que sua descrição é fiel:

Foi o padre Anchieta de estatura medíocne, diminuto de carnes, em vigor de espírito robusto, atuoso; em cor trigueiro; os olhos parte azulados; testa larga; nariz comprido; barba rara, mas no todo, alegre e amável.

A dúvida proposta não deve alarmar ninguém, na questão dos ossos.

Na época em que estavam em evidência as curas na Bahia com as relíquias de Anchieta, em certo momento, houve dúvida entre dois ossos apresentados, cita o mesmo **Simão de Vasconcelos** — sobre o qual seria o verdadeiro.

Do meio daquela gente surgiu um rei Salomão e propôs que se empregasse qualquer um. O que fizesse milagre seria o autêntico. Justamente o primeiro curou o paciente. Concluiu-se que era o de Anchieta. O outro foi considerado falso...

O que desejamos que fique bem claro é que a descrição do Padre Manoel Ribeiro, a ata de entrega dos ossos, e os fatos que ocorreram desde 1672, pela sua meticulosidade, merecem fé. Nota-se que era um homem que procurava eximir-se de qualquer responsabilidade no futuro, por isso legalizava suas informações **tim tim por tim tim**.

Se desterrou junto do altar mor à parte do Evangelho um caixote em que estavam 10 ossos, os quais os ditos padres me mandaram guardar, dizendo, (notem bem-dizendo) que eram do Venerável José de Anchieta.

Analizando este trecho vemos que não há um critério firme de consciência para afirmar **então os padres me entregaram os ossos do Venerável Anchieta**, ou coisa equivalente. Ele põe uma dúvida oculta: **dizendo que eram do Padre Anchieta**. Não tinha consciência plena de que realmente eram de Anchieta, talvez porque ignorasse a presença desses ossos, dos quais ele nunca ouvira falar.

* * *

Onde estão os nove ossos de Anchieta?

O documento que os acompanhava está completo, existe, mas os ossos achados, os quatro ossos descobertos em Portugal em 1965, e o Femur mandado pelo Vaticano, não combinam com a descrição, o tipo de Anchieta: um homem de pequena estatura.

* * *

Se entrarmos na seara do descobridor da América, Colombo, o caso é mais confuso...

BIBLIOGRAFIA:

Simão de Vasconcelos — Crônica da Cia. de Jesus.
Manoel Mesquita dos Santos — A Sé primacial do Brasil-Bahia/1933.
Folha de São Paulo — publicação recente — perdemos a data.

Antonil — Cultura e Opulência do Brasil por suas drogas.

Antonio Henriques Leal — Apontamos para História dos Jesuitas,
Maranhão/1874.

Além de Quirício Caxa, Pero Roiz, Baltazar Teles, todos cronistas
da Companhia de Jesus.

* * *

NOTA: Queremos agradecer a nosso prezado amigo Teobaldo Dias que, sem onus de espécie alguma nos tem reproduzido desenhos com o fito de avivá-los, e tem sido para o Instituto do Ceará, inclusive o mapa do livro de Olfert Dapper — A Biblioteca de João Pessoa, representada pela sua Diretoria, nos permitiu, acompanhado de um funcionário, que obtivéssemos uma cópia Xerox) — Muito obrigado amigo Teobaldo, pela sua gentileza.